

Deleuze e nós: pistas cartográficas para a arquitetura urbanismo

GABRIEL TEIXEIRA RAMOS¹

Estranhamentos e prazeres

Este texto celebra o pensar com Gilles Deleuze, com o objetivo mais fundante de apresentar como as conexões com suas obras, principalmente quando realizadas em parceria com Félix Guattari, costumam nos reverberar estranhamentos e prazeres, além de permitirem apontar pistas em modos de fazer cartografias, entendidas como abertas e necessariamente conectivas, juntamente a outros importantes pesquisadores de múltiplas áreas do conhecimento, porém orientados à arquitetura urbanismo.

Apresento, portanto, uma trajetória que se fez – faz e continua fazendo – desejante e vibrante, narrada, no recorte deste espaço escrito, a partir da minha primeira conexão com as obras dos autores, por caminhos a engendrarem possibilidades de criação, sobretudo quando pensamos no atual contexto de catástrofes e crises de mundo. Através de um impactante atravessamento por essas obras, por suas ressonâncias no método da cartografia e pela hipótese de uma produção cartográfica desejante, proponho destacar como essas manifestações dão aberturas a repensar o campo da arquitetura urbanismo. Arrisco articulá-las como gestos de criação que o ato de pensar junto-com Deleuze e Guattari constitui, principalmente, o de imaginar a pesquisa em arquitetura urbanismo.

Recordo-me da ocasião, durante a graduação, em 2010, no âmbito do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFES, de quando fui informado por colegas sobre a existência de uma disciplina optativa que estava para acontecer em uma segunda versão, chamada “Urbanismo e subjetividade”.² Diziam-me poder me

¹ Arquiteto, professor, pesquisador, escritor e realizador capixaba, doutor em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo (IAU-USP), com interesse em experimentações metodológicas e práticas das artes visuais, das cartografias e do cinema. E-mail: gabrieltramos@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3960315315900636>

²Essa optativa foi ofertada voluntariamente pelo colega Prof. Dr. Sérgio Miguel Prucoli, sob coordenação da Profa. Dra. Clara Luiza Miranda, no âmbito da disciplina “Tópicos de Arquitetura Contemporânea”. Ambos os professores se interessavam por colocar o campo

identificar genuinamente com o referencial teórico apresentado. Foi o momento em que tive o primeiro contato com publicações de Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Cabe evidenciar que este tipo de disciplina não era – e ainda não é – comum nas matrizes curriculares dos cursos de graduação em arquitetura e urbanismo, mesmo quando localizada como optativa ou núcleo livre. Embora haja importantes pesquisas do campo a engajarem leituras críticas que não sejam somente vinculadas ao moderno³, há, igualmente, restrições quando se fala do capitalismo tardio e da pós-modernidade. As produções teórico-críticas e analíticas desse contexto muitas vezes se utilizam de conceitos pós-estruturalistas para interpretá-los na arquitetura de modo estranho⁴, e, quando envolvem aspectos teórico-críticos do campo urbano, tendem a aparecer majoritariamente por meio de abordagens materialistas e históricas, evidenciando, vez ou outra, alguma aversão ou resistência por parte de pesquisadores da área à virada subjetiva de 1960-1970 e à filosofia da diferença.

Diferentemente disso, os estranhamentos gerados pelas escritas de Deleuze e Guattari em minha formação como arquiteto urbanista se confundiram aos prazeres e às possibilidades de pensar novos mundos e outras formas de fazer pesquisa em arquitetura urbanismo. Ou seja, não foram ruins ou incômodos, mas pulsões desejan-tes de se pensar de modos diferentes sobre o mundo. Mal

disciplinar do urbanismo em questionamento, sobretudo no que diz respeito às leituras hegemônicas das cidades ocidentais e os modos que contam suas histórias oficiais, bem como aos mais diferentes questionamentos sobre suas leituras urbanas.

³Num giro pelo Brasil, recomendo as pesquisas de grupos vinculados aos programas de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da UFBA (Laboratório Urbano, Lugar Comum e Cidades Políticas), do IAU-USP (Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas e Laboratório de Estudos do Ambiente Urbano Contemporâneo), do IPPUR-RJ (Grupo de Pesquisa Modernidade e Cultura), dentre outros.

⁴Podemos citar boa parte da arquitetura de Frank Gehry, Bernard Tschumi, Zaha Hadid, Rem Koolhaas, Coop Himmelblau, Daniel Liebeskind, Enric Miralles e Peter Eisenman. Alguns destes realizaram projetos que extrapolam esse estranhamento gerando dúvidas se, por exemplo, não tornam as preexistências demasiadamente subservientes aos seus projetos, como o Museu Guggenheim de Bilbao, de Frank Gehry e a Cidade da Cultura, em Galiza, de Eisenman, ambas na Espanha. Gehry, inclusive, tem importantes aproximações a filósofos pós-estruturalistas, sobretudo a Jacques Derrida, por meio de quem, em alguma medida, fundou uma espécie de “desconstrutivismo arquitetônico” (Eisenman, 1976; Derrida; Meyer, 1986; Tschumi, 1980; 1981; Mugerauer, 1988; Koolhaas, 1989).

imaginava ser esse conjunto – estranhamentos e prazeres – um acompanhante por toda minha trajetória de aproximação às publicações dos autores.

Retomando à ocasião da disciplina optativa, já no fim do semestre, o professor nos propôs uma atividade específica: produzirmos uma cartografia sobre a cidade entremeada às subjetividades. Foi a primeira vez que tive acesso à cartografia a partir de uma perspectiva a não ser focada numa representação, num decalque, mas num processo. Tal exercício era inspirado em um dos instigantes textos lidos à época, “Cartografar é acompanhar processos” (Barros; Kastrup, 2015), mais especificamente, quando as autoras apresentam a visão de Caiafa (2007, p. 149 apud Barros; Kastrup, 2015, p. 56):

[...] é preciso estar disponível para a exposição à novidade, quer se a encontre longe ou na vizinhança. Trata-se de uma atitude que se constrói no trabalho de campo. É que o estranhamento não está dado, é algo que se atinge, é um processo do trabalho de campo.

Esta provocação nos faz pensar que um estranhamento só ocorre quando é atingido, tal qual uma chegada, não uma partida. Logo, seriam as aberturas às conexões e aos distintos modos de se relacionar a nos possibilitar produzir cartografias urbanas, numa visão a partir de “pistas do método da cartografia” (Kastrup; Passos; Escóssia, 2015). Desse modo, ocorreu uma nova investida, a partir de uma segunda leitura: a introdução de *O anti-Édipo* (Deleuze; Guattari, 2010, p. 11), principalmente quando os autores afirmam, logo nas primeiras frases:

Isso funciona em toda parte: às vezes sem parar, outras vezes descontinuamente. Isso respira, isso aquece, isso come. Isso caga, isso fode. Mas que erro ter dito o isso. Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões.

Outro estranhamento me ocorreu ao ler isso se repetir neste trecho e ao longo do parágrafo que sucede, simultâneo a um prazer imaginativo por meio da ideia de máquinas e conexões. Anos depois, lendo a versão original em francês (Deleuze; Guattari, 1972) e um pouco mais sobre a psicanálise, entendi isso, no contexto acima, referir-se ao *id* proposto por Freud (2011), e o modo como ele

apresenta o inconsciente. Depois, em reflexões do mestrado⁵, concluiria que a compreensão dos trabalhos de Deleuze e Guattari nunca se dá de modo linear, mas também em conexões: por vezes, ela ocorre num parágrafo seguinte, nas próximas dez páginas, numa outra leitura e, eventualmente, anos depois. Certamente, agora, quinze anos depois de meu primeiro contato com essa literatura, algumas coisas passarão a se tornar novamente estranhas e prazerosas.

O rizoma e a invenção de mundos

Aprofundei-me um pouco mais na compreensão sobre as máquinas, quando li a noção de *rizoma*, em “Mil Platôs – volume 1” (Deleuze; Guattari, 1995, pp. 13-37), surrupiada da botânica pelos autores, já que, originalmente, trata-se de um caule modificado, com seu funcionamento tanto subterrâneo quanto aéreo, servindo como reserva alimentar para as plantas, portanto, com a função de conexão. A grama é um conhecido exemplo de rizoma, em que sua tessitura se conecta em múltiplos pontos, não há uma centralidade única, tampouco uma hierarquização dominante.

Ao proporem o rizoma, Deleuze e Guattari o fazem por uma perspectiva conectiva da compreensão de “realidade”, que, para eles, não se trata de algo fora, ou seja, não está à espera de ser interpretada, mas se constitui como um processo de produção. Logo, não haveria um mundo acabado, pois as relações que o constituem podem se estabilizar e reconstruir padrões e estruturas, que, por sua vez, não são universais. Assim, não há transcendência possível para a realidade proposta pelos autores, tampouco afinidades com o fora e independência do mundo: tudo está na trama do rizoma. Até algo aparentemente fechado em si segue uma nova conexão, um novo arranjo, muitas vezes insignificante e imperceptível, mas a abrir possibilidades de invenção dentro de estruturas e

⁵ O mestrado referido aconteceu no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, na área temática do Urbanismo e linha “Processos urbanos contemporâneos”, entre 2014 e 2015. O trabalho foi orientado pela Profa. Dra. Thais Portela, a quem também agradeço pelas aproximações ainda mais profundas e profícuas à literatura deleuziana.

padrões, que, por sua vez, não são recusados por Deleuze e Guattari, diferentemente, a aposta se dá na realidade enquanto processo e conexão, já que:

Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com seus acoplamentos, suas conexões. Uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta [...]. É assim que todos somos 'bricoleurs'; cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina-energia, sempre fluxos e cortes (Deleuze; Guattari, 2010, p. 11).

As máquinas se constituem naquilo que os autores denominam como *agenciamentos maquínicos*: conexões de diferentes espécies que não necessariamente possuem relação espacial ou temporal. O rizoma é o funcionamento dessas máquinas, que conectam diferentes elementos, atributos, adaptações e produzem novos mundos. Nesse sentido, tudo aquilo que emerge em nossa realidade, até mesmo as noções platônicas de transcendência e de perfeição fora do mundo, tão impregnadas em nossa forma de experimentá-lo, só seria possível na tessitura do rizoma, nas conexões e produções de realidade que nós construímos. O rizoma, portanto, vai além de uma representação, sendo, assim, o amalgamado do mundo, a trama da realidade. Eventualmente, em alguma posição desse rizoma, germinarão árvores, outras plantas e arbustos; poderão ser aprofundadas algumas raízes, mas não há nele um ponto central, fundante e essencial.

Ainda em “Mil Platôs – volume 1” (Deleuze; Guattari, 1995, pp. 13-37), os autores elaboram um conjunto de elementos mais a partir de qualidades aproximativas do que propriamente de uma tradução, que permitem nos fazer pensar de modo diferente. Essas seriam seis: *conexão*, *heterogeneidade*, *multiplicidade*, *ruptura a-significante*, *cartografia* e *decalcomania*. As noções de *conexão* e *heterogeneidade* se referem, respectivamente, à compreensão de que os pontos do rizoma se conectam a outros tantos infinitos pontos e à não hierarquização entre eles, ou seja, elementos de diferentes naturezas e posições. *Multiplicidade*, por sua vez, é um princípio que indica a mudança de posição em relação a sujeito e objeto, sem causalidade e efeitos, sem a representação e a coisa em si. Trata-se da inexistência do uno, tal qual o nascimento de gramas que

emergem em qualquer canto, diferentemente e sempre novas, conectáveis, descentralizadas, abrindo, com isso – e caracterizado pela *ruptura a-significante* – infinitas possibilidades de rompimento em qualquer parte e reconstruções em quaisquer outras. Somada a essas quatro, como dito, há, aqui, um particular interesse no quinto e sexto, que auxiliam a plantar essa discussão: a *cartografia* e a *decalcomania* (tratarei propriamente desta característica ao final deste texto). Para Deleuze e Guattari, o rizoma são redes, constituídas por linhas, processos que se conectam. Logo, trata-se de máquinas de máquinas: o rizoma produz um mapa, um mapa das conexões. Cada encontro e arranjo produzem um mapa singular de tal modo que a realidade não seria algo acabado: são pistas de uma cartografia.

Podemos pensar exemplos de acontecimentos e situações históricas que nos ajudam a compreender melhor o que seria a ideia de rizoma e a tessitura cartográfica, mesmo que grandiosos, pois, como dito, o rizoma é o funcionamento de quaisquer conexões, ou seja, acontece a todo tempo, em diferentes escalas, elementos e propriedades, por vezes, imperceptível, por outras, pululantes. Talvez o mais evidente deles seja o surgimento da internet, com a hiperconectividade ponto a ponto e alta transmissibilidade, que, ao longo do tempo, quando menos se imaginou, ativou vários arranjos dando a ver um mundo novo acontecendo: pessoas conectadas a outras, a novas coisas, formas de consumir, comportamentos, linguagens, modos de se relacionar. Outro pode ser observado numa pandemia viral como a da covid-19 e uma profunda mudança no mundo inteiro, comportamental, de necessidade produção de vacinas, de crises políticas, de saúde mental. A decisão de Donald Trump em renomear o Golfo do México para Golfo da América também é outro, com isso, a Google muda o nome em seus mapas; vendem-se bonés que disputam noções patrióticas; observamos o dólar cair; suas aproximações a Elon Musk tornam ainda mais visíveis suas empresas, como a Starlink, que, no Brasil, opera na disponibilização de internet em lugares antes inimaginados, sobretudo nas práticas do campo: tratores conectados, mais controle sobre as safras, maior produção do agronegócio, maior informatização, menos mão-de-obra humana trabalhando.

Tatear o método da cartografia, desmobilizar sujeito-objeto

Enquanto método de pesquisa, a trama do rizoma é a cartografia, em que é abandonada a noção de realidade como representação. Em outras palavras, em vez de buscar uma verdade, pelas pistas cartográficas, acompanham-se o rizoma, algumas de suas conexões e as redes que se constituem, a fim de que se possa entender quais produções de verdade são ativadas naquelas conexões, relações e alianças construídas. Portanto, a verdade é produção e não um estado das coisas. Se encontrarmos uma verdade, será sempre circunstancial, pois, num período seguinte, não funcionará mais.

Em “Pistas do método da cartografia” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015), uma importante organização é proposta pelos professores do campo da psicologia cognitiva, apontando pistas de um método da cartografia e a desmobilização da ideia de verdade. Longe de ser uma metáfora, buscar pistas é propriamente cartografar, é tecer conexões, produzir outras dimensões de sentido de pesquisa. O título então é meta-cartográfico, permitindo inclusive com que avancemos, ao pensar com os autores, quando subvertem a noção clássica de “método”, cuja etimologia, *metá-hodós*, significa “por meio do caminho”. Ao inverter essa lógica para *hodós-metá*, ou seja, “o caminho pelo meio”, a representação é abandonada, na medida do possível, e o que passa a interessar é incessantemente o processo. A linguagem não morre, mas o ponto de vista: o meio, as relações, os modos como elas se conectam, como viram outros processos quando isso ocorre, infinitamente.

Ao tomar essa perspectiva, o ponto de partida do acompanhamento da cartografia é deslocado de uma dimensão representacional, quando focamos, por exemplo, tão somente em “mapas-objetos” e na “cartografia-ciência”, pegando emprestado proposições terminológicas de Girardi e Soares (2015). Cabe novamente destacar que não há o abandono dessas técnicas, mas a mudança de posição em relação ao foco da pesquisa. Há muito tempo, sujeitos e objetos são estudados em pesquisas a partir de um regime pronto de verdade, evidenciando práticas, em distintos campos disciplinares, que os colocam como centrais para responder seus questionamentos.

Na arquitetura urbanismo, de onde partimos, observamos isso até hoje. Podemos tomar como exemplo as análises da cidade e da paisagem, como quando Kevin Lynch originalmente propõe às técnicas de planejamento e desenho urbanos uma dimensão cognitiva de mapeamento (Jameson, 1991), em “A imagem da cidade” (Lynch, 1960) e junto a Donald Appleyard e John Myer, em “*The view from the road*” (Appleyard; Lynch; Myer, 1966). Nessas obras, propõe-se haver na experiência de usuários e moradores das cidades determinadas condições de identificação e reconhecimento urbano e da paisagem que possibilitariam fornecer às pesquisas sínteses visuais da cidade, ou seja, um conjunto de elementos genéricos e específicos que marcariam sua paisagem urbana. Para tal, desenvolveu-se um grupo de noções que poderiam auxiliar nisto: limites, pontos nodais, marcos, caminhos e bairros. De posse disso, elaborou-se uma série de mapas para obter respostas a essas condições, relacionando objeto (paisagem) a sujeitos (moradores/usuários), implicando respostas semânticas para tal.

Longe de um modelo que denotaria um problema de cartografia, na realidade, Lynch realizou um trabalho mais interessado numa síntese visual do que propriamente nas condições daquelas pessoas responderem tais questionários. Dentro do escopo de sua pesquisa⁶, não havia, em nenhum momento, a intenção de estabelecer as próprias condicionantes daquela verdade. Próprio de seu tempo histórico, forjado num contexto estadunidense e rodoviarista, a objetificação da cidade e o funcionamento cognitivo deveriam responder a demandas próprias. Diferentemente do método da cartografia, que trata da trama do rizoma, entende-se mais em que ponto se dão as conexões, vibrações e ressonâncias, menos o conjunto desses pontos.

A aposta no método da cartografia tem, de partida, uma construção ética e estética. Questiona-se quem observa não num sentido estritamente do sujeito, mas das condições que o mobilizam e das produções de subjetividade, de modo a

⁶Sobre essa pesquisa e suas condicionantes, em outra oportunidade (Ramos, 2019), realizei uma aproximação mais específica sobre Kevin Lynch e sua visão rodoviarista de cidade, contextualizada à referida obra, “*The view from the road*” (Appleyard; Lynch; Myer, 1966), esta nunca publicada no Brasil.

visibilizar a trama quando realiza relações entre sujeito e ação. Numa extensão rizomática, seguem-se as pistas deixadas pelos pontos dessa trama.

Por meio dessa ideia, ao iniciarmos uma pesquisa cartográfica sobre a cidade contemporânea, apoiados em usuários e moradores dos locais, poderíamos começar a questionar a eles o que os fazem constituintes daquele lugar: um cheiro, uma brisa, uma memória de infância. Em seguida, podemos pensar o que essa sensação leva a se tornar específica naquele lugar, o que a conecta a ele, mas não só sensações: como esse morador se mobiliza nesse lugar? Como o reivindica? O que o faz se encontrar com aqueles que ali também se sentem conectados? E se eles se reconectassem em outro lugar, seria diferente?

O método da cartografia não trata propriamente de uma receita de como se fazer pesquisa, mas de uma recusa de que isso ocorra quando se apresenta um problema circunscrito nele mesmo, noção cartesiana pela qual a ideia de fazer ciência conduz, tal qual um objeto dado em condições perfeitas de temperatura e pressão, sem contato com nada, ali, à espera da descoberta. Seria impossível em qualquer hipótese essa estratégia, ainda mais se tratando de uma cidade, movente, mutante, amplamente conectada, diferente a todo tempo. Por isso, a dimensão fenomenológica é criticada nesses preceitos, pois, pelo rizoma, não se parte de um indivíduo que sente, percebe e interpreta o mundo. Parte-se de entender as possibilidades de conexão desse indivíduo com o mundo, não sendo ele um ponto de chegada ou de partida, mas um ponto de uma teia tramada antes de nele chegar e que continuará infinitamente.

Fazer cartografia, portanto, nesse sentido, é conectar-se com o mundo e não colocar qualquer perspectiva dominante sobre ele. Trata-se de abrir-se ao estranhamento das infinitas conexões, sem buscar uma resposta prévia, lutando a todo tempo contra a representação que, por vezes, estanca determinado conceito (e mesmo que muitas vezes também seja necessária). Na realidade, é abrir-se a diversos possíveis mundos, ainda a serem fabricados.

Pistas de uma cartografia na arquitetura urbanismo

Como dito anteriormente, deixei para mencionar uma última característica rizoma, a *decalcomania*. Em “Mil platôs – volume 1” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 22), acompanhamos:

Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói.

Fazer o mapa, para os autores, é o ato de tecer conexões, sem fechamentos, é abrir-se ao real a todo tempo. A *decalcomania* é, portanto, uma característica de sempre manter a fabricação incessante de mapas, a partir das conexões realizadas. Esta prática se trata de uma abolição do inconsciente e uma abertura à experiência pura, sem a prisão dada pela representação. Porque, no fim, é esse o grande ponto de disputa que Deleuze e Guattari colocarão: mirar o inconsciente é fechar o real, é voltar-se para uma idealização, um decalque e uma fuga, que não é desejante, mas desconectada e presa. A experiência de pesquisa cartográfica nos requer aberturas.

Há alguns anos, individualmente e com outros pesquisadores, venho estudando diversas abordagens da cartografia e da produção de mapas, a partir da arquitetura urbanismo. Isto ocorre tanto a partir de um ponto de vista mais tradicional do campo, por ministrar essa disciplina na graduação, em que se produz uma série deles nomeadamente para os estudos urbanos e paisagísticos (uso e ocupação do solo, densidade ocupacional, hierarquia viária, gabarito, hipsometria, dentre outros), quanto em diferentes pesquisas, suas críticas e oportunidades de expansão. Algumas destas foram abordadas quanto a suas condições e tensionamentos (Sperling, 2016; Ramos, 2021; Ramos; Sperling, 2022). Destaco diretamente a visão de Pickles (2004, p. 12), quando afirma pouco ter sido criticado, ao longo do tempo, sobre as motivações e condições políticas, sociais e culturais para o modo como as formas de mapeamento “codificaram objetos e produziram identidades”. Além dele, há autores que questionaram a própria representação (Wood, 1991; Cosgrove, Tally Jr, 1991; Crampton; Krygier, 2006; Holmes, 2004a; Sperling, 2016), e, como já dito, há especulações sobre a proposição metodológica da cartografia, por sua vez, notoriamente colocadas por Deleuze e Guattari (1972; 1995; 2010) e os diversos autores da coletânea “Pistas do

método da cartografia” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Há ainda o que temos pensado como “práticas cartográficas” (Sperling, 2016; Ramos, 2021; Ramos; Sperling, 2022), ou seja, modos de criar e fazer cartografias bastante interessadas nas articulações com o campo das artes, desde as especulações em termos formais e representacionais – como as estratégias de montagem e desmontagem, no Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg – até as articulações sobre modos de intervir nos espaços – como as derivas situacionistas, os artistas neoconceituais e de site specific, como Richard Long e Francis Alÿs, e ainda em conexões possíveis mais recentes com o cinema, como na obra audiovisual “Nunca é noite no mapa”, de Ernesto de Carvalho.

Em meio a essas pesquisas, influências e práticas, a cartografia rizomática sempre emergiu como um procedimento possível de se fazer pesquisa e de potencial contaminação na arquitetura urbanismo, mesmo que a representação e o decalque sejam, em alguma medida e sem ser metafórico, pilares muito fundantes desse campo disciplinar. Como dito no início, a literatura de Deleuze e Guattari, principalmente pela dimensão ética da pesquisa, apareceu naquele contato na disciplina optativa, durante minha graduação e o exercício que o professor nos pediu era o de elaborar uma cartografia da cidade por meio da leitura dos textos enunciados. A proposta, então, surgiu de modo muito espontâneo, quando me questionei: seria possível uma pessoa que enxerga narrar a cidade sem enxergá-la? E como seria colocar em disputa a visão de uma máquina de filmar com a de quem enxerga estando de olhos vendados?

Experimentar, tocar, conectar-se ao real, a proposta daquela cartografia se confirmaria nesse exercício: vender meus olhos ao mesmo tempo que teria uma câmera em meu peito, tendo um acompanhante para me guiar para onde ele quisesse, em seguida, escreveria imediatamente sobre isso, veria o vídeo elaborado e colocaria em confronto o real *versus* o decalque. Durante a experiência, de aproximadamente uma hora, tomamos um ônibus, paramos em algum local e fui sendo direcionado para distintos lugares (ruas, calçadas, mercados, pontos de ônibus, praças públicas), para depois ser deixado numa parada de ônibus, abrir os olhos, voltar para casa e escrever sobre isso. A tendência do texto era, em alguma medida, narrar minhas sensações nos lugares, já que meu corpo era a única

ferramenta que tinha. Era como se, ao escrever, voltasse e mimetizasse o que vivi, então percebi, àquela altura, a representação sempre vir, a todo tempo, quando fosse recuperar o vivido, em alguma medida, caindo novamente nos questionamentos fenomenológicos. Mesmo assim, houve uma insistência ao resgatar memórias, recheadas por vozes, cheiros, barulhos, texturas no chão, tentando me colocar num lugar de estranhamento da experiência urbana para tentar ver diferente. Ao confrontar o que a memória me forneceu com o que a filmadora produziu, parecia, a todo tempo, que não me via naquela vista de quem estava andando. De algum modo, foi interessante pensar que o capturado pela câmera acontecia enquanto um real se produzia e que jamais voltaria. Foi sobre isso que acabei escrevendo depois, na época.

Anos depois, sigo ainda experimentando possibilidades cartográficas, em pesquisas abertas, entendendo que o estranhamento é a abertura ao real, sempre novo e inventivo; que a representação disso invariavelmente acontece, mas que pelo menos possa ser múltipla, em camadas de compreensão sempre novas. Em experiências mais recentes, tenho pensado na pesquisa acadêmica a partir da construção de um “plano comum” (Pelbart, 2003, p. 19), não como espaço homogêneo ou relacionado a uma identidade, mas, justamente, de um território que realiza uma “comunicação entre singularidades heterogêneas” (Kastrup; Passos, 2015, p. 265), ou seja, numa cartografia que funcionaria tal qual vasos comunicantes, em que se tecem pontos para se pensar um problema comum, com uma duração específica. Trata-se de tomar a proposição desta cartografia para apontar outra dimensão, numa “sensorialidade alargada” (Pelbart, 2003, p. 20), sendo o espaço dos encontros da pesquisa potencial para essa dimensão ético-estética. Desse modo, podemos pensar isso a partir de um entrelaçamento dos vetores de força, estabelecendo conexões dinâmicas entre afetos, encontros e múltiplos sujeitos, atentos à processualidade do real. Ao invés de fixar ou cristalizar significados, a pesquisa cartográfica propõe um modo de investigação que acompanha os fluxos, as transformações e as potências do mundo, concebendo-o não como uma estrutura estática, mas em constante devir. Nesse sentido, a cartografia, com Deleuze e Guattari, ultrapassa uma visão

representacional e se insere em um plano de imanência onde as relações, os movimentos e as intensidades emergem como elementos fundamentais da análise.

O ato de escrever, dentro dessa perspectiva, é um intervalo produtivo e não apenas um suporte, tratando-se, na realidade, de um território de experimentação em que se operam cortes, articulações e sínteses temporárias. Essa interrupção, longe de significar um fechamento, atua como uma dobra reflexiva que favorece novas conexões e reconfigurações dos traçados da pesquisa. Assim, ao invés de se constituir como um ponto de chegada, a escrita cartográfica opera como um dispositivo que alimenta a própria investigação, possibilitando a emergência de reflexões novas.

Por fim, pensar o método da cartografia no campo da arquitetura urbanismo é evidenciar que o mundo dado como pronto não pode ser dissociado de seus atravessamentos e dos agenciamentos que nele se instauram. A cartografia privilegia a dimensão processual e relacional dos territórios e abre caminhos para pensar as cidades para além de suas formas e funções pré-determinadas, reconhecendo nela um campo de forças em constante negociação. Assim, a pesquisa cartográfica não apenas amplia as possibilidades metodológicas do campo, mas também convida a um olhar mais atento às singularidades, aos devires e às insurgências que constituem o espaço urbano contemporâneo. A pesquisa cartográfica faz parte de um processo de prazeres e estranhamentos, tal qual a literatura apresentada por Deleuze e Guattari, olhada no instante em que se lê, anos ou décadas depois, como nesta proposição.

791

Referências

APPLEYARD, Donald.; LYNCH, Kevin. MYER, Joh. *The view from the road*. Massachusetts: MIT Press, 1966.

BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. "Pista 3: Cartografar é acompanhar processos". In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (org.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 52-75.

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

COSGROVE, Denis. *Geography and Vision Seeing, Imagining and Representing the World*. London: I.B.Tauris & Co Ltd., 2008.

CRAMPTON, Jeremy; KRYGIER, John. "An introduction to critical cartography". *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, v. 4, p. 11-33, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *L'anti-Œdipe: capitalisme et Schizophrénie*. Paris: Les Éditions de minuit, 1972.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DERRIDA, Jacques; MEYER, Eva. "Uma arquitetura onde o desejo pode morar - Entrevista de Jacques Derrida a Eva Meyer". In: NESBITT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 165-171.

EISENMAN, Peter. "O pós-funcionalismo". In: NESBITT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 95-100.

FREUD, Sigmund. *Obras completas: O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GIRARDI, Gisele. SOARES, Pedro. "Construção de um problema de pesquisa sobre o mapeamento como dispositivo". *Revista Olhares & Trilhas*, ano XVII, n. 2, jul/dez, 2016, p. 46-65.

HOLMES, Brian. "Imaginary Maps, Global Solidarities". Essay prepared for the Piet Zwart Institute, 2004a. Disponível em: [https://pzwiki.wdka.nl/mediadesign/Imaginary Maps, Global Solidarities](https://pzwiki.wdka.nl/mediadesign/Imaginary_Maps_Global_Solidarities)

HOLMES, Brian. "Countercartographies." In: Abrams, Janet & Hall, Peter (2006). *Else/where: mapping new cartographies of networks and territories*. University of Minnesota Design Institute, Minneapolis, Minn, 2006, p. 20-25.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo, ou a lógica cultural do capitalismo tardio*. Brasília: Ática, 1991.

KOOLHAAS, Rem. "Por uma cidade contemporânea". In: NESBITT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 357-360.

LYNCH, Kevin. *Imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960.

MUGERAUER, Robert. "Derrida e depois". In: NESBITT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 199-218.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana. (Org.). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PELBART, Peter. "A comunidade dos sem comunidade". In: PÉLBART, Peter. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 28-41.

PICKLES, John. *Cartographic Reason, Mapping and the Geo-Coded World*. London: Routledge, 2004.

RAMOS, Gabriel Teixeira. “Cartografias e movimentos: problemas metodológicos de leitura da cidade contemporânea à luz de The view from the road”. *Revista Jatobá*, Goiânia, v. 1, 2019.

RAMOS, Gabriel Teixeira; SPERLING, David. “Mapas-movimentos: possibilidades de atualização das cartografias críticas e das narrativas urbanas”. *Indisciplinar / EA-UFGM*, Belo Horizonte, n.1, v.1, p. 166-191, 2022.

TALLY JR., R. *Spatiality (the new critical idiom)*. New York: Routledge, 2013.

TSCHUMI, Bernard. “Arquitetura e limites I”. In: NESBITT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 172-176.

TSCHUMI, Bernard. “Arquitetura e limites II”. In: NESBITT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 177-182.

TSCHUMI, Bernard. “Arquitetura e limites III”. In: NESBITT, Kate. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 183-187.

SPERLING, David. “Você (não) está aqui: convergências no campo ampliado das práticas cartográficas”. *Indisciplinar / EA-UFGM*, Belo Horizonte, n.2, v.2, p. 77-92, 2016.

WOOD, D. *The Power of Maps*. New York: Guilford Press, 1992.